Instituto Peabiru 2023

Peabiru
Caminhos do amanhã

INSTITUTO
PEABIRU

Instituto Peabiru 2023

Peabiru
Caminhos do amanhã

Diretor Geral
João Meirelles
Diretor Executivo
Hermógenes Sá
Coordenadora de administração e tesoureira
Maíra Parente
Gerente de comunicação e engajamento
Mariana Faro

Instituto Peabiru
Rua Ó de Almeida, 1083. Reduto
Belém, Pará - Brasil 66.053-040
peabiru.org.br

Peabiru

Caminhos do amanhã

Ficha técnica da publicação

Pesquisador/Redator
Dal Marcondes

Produção
Paolla Yoshie

Revisão
Nanci Vieira

Equipe
DMCom Consultoria e Comunicação

Design e diagramação
Renata Ataíde

Entrevistados

- **João Meirelles** - fundador do Instituto Peabiru
- **Ida de Oliveira** - especialista em comunicação do Unicef
- **Adriana Lima** - coordenadora administrativa do Movimento das Mulheres da Ilha de Belém
- **Eduardo Figueiredo** - diretor de Desenvolvimento Territorial da Norsk Hydro Brasil
- **Manuel Amaral** - coordenador do escritório de Belém do Instituto Internacional de Educação do Brasil
- **Maria José Barney** - proprietária do Centro Hestia
- **Regina Oliveira** - pesquisadora no Museu Paraense Emílio Goeldi
- **Patrícia Schneider** - pesquisadora na Louisiana State University, Estados Unidos

As opiniões externadas nas contribuições desta publicação são de exclusiva responsabilidade de seus autores.

Proibida a reprodução deste, parcial ou por inteiro, sem a autorização do Instituto Peabiru.

Sumário

10 Longa vida ao Peabiru

14 Os ODSs como métrica civilizatória

Diálogo com João Meirelles, fundador do Instituto Peabiru

18 O importante papel das ongs na Amazônia

Diálogo com Ida de Oliveira, especialista em comunicação do Unicef para a Amazônia.

23 Deveria ter vários “Peabirus”

Diálogo com Adriana Lima, coordenadora administrativa do Movimento das Mulheres das Ilhas de Belém (MMIB).

28 O valor das redes e conexões

Diálogo com Eduardo Figueiredo, diretor de Desenvolvimento Territorial da Norsk Hydro Brasil.

32 O desafio do fortalecimento institucional

Diálogo com Manuel Amaral, coordenador do escritório de Belém do Instituto Internacional de Educação do Brasil (IEB).

35 O desafio do financiamento de longo prazo

Maria José Barney, proprietária do Centro Hestia.

39 O futuro está sendo construído em projetos e ações

Diálogo com Regina Oliveira, pesquisadora no Museu Paraense Emílio Goeldi.

44 Alinhamento com a academia fortalece a universidade e o Peabiru

Patrícia Schneider, pesquisadora na Louisiana State University, Estados Unidos.

49 Conclusões

25 anos do Peabiru

Neste ano de 2023, o Instituto Peabiru completa 25 anos de uma trajetória de desafios e uma longa lista de projetos realizados na Amazônia. Este é um momento de reflexão sobre os caminhos trilhados e para lançar um olhar em direção ao futuro.

Para ajudar nessa análise, pedimos o apoio do jornalista Dal Marcondes, que de longa data conhece o Peabiru e alguns dos trabalhos realizados. Durante algum tempo, o jornalista entrevistou pessoas com diferentes relacionamentos com a organização, para colher percepções e visões sobre o Peabiru e sua história e buscar concepções que ajudem a desenhar os caminhos a serem percorridos em direção ao amanhã.

Para o Peabiru, essa compreensão externa é importante para que se possa calibrar as expectativas e as capacidades de um time de especialistas em uma grande diversidade de temas. As opiniões de ex-

colaboradores, de organizações parceiras e de pessoas ligadas a comunidades atendidas em projetos são estruturantes para o direcionamento da entidade, assim como os diálogos com executivos de empresas e financiadores.

O olhar em perspectiva de Dal Marcondes projeta-nos em um espelho que reflete como o Peabiru é visto, um contraponto ao que acreditamos expressar junto à sociedade.

Instituto Peabiru

Longa vida ao Peabiru

Por Dal Marcondes

O Instituto Peabiru é uma das mais respeitadas organizações sociais com presença na Amazônia; sua atuação reúne predicados importantes para impulsionar a prosperidade em comunidades tradicionais por meio do combate à pobreza e à desigualdade.

Mais do que história, o Instituto Peabiru tem propósito, e não se trata apenas de uma frase de efeito para compor seus relatórios de atividades. O propósito do Instituto Peabiru fica claro em suas ações. Em todas demonstra a capacidade de construir e manter relacionamentos com os diversos atores das muitas amazônias. O principal instrumento de ação do Peabiru é sua capacidade de diálogo e de construção de intrincadas redes de diplomacia social. Essa articulação entre os diversos, e muitas vezes opostos, por um benefício comum é o principal objetivo da organização, fundada em 1998 por um grupo de pessoas que incluía administradores, advogados,

ambientalistas e educadores, por inspiração do empreendedor social, ativista e escritor João Meirelles, que fez do conhecer a Amazônia e seus povos a sua missão de vida. Com nove livros publicados sobre a região, ele é um dos pesquisadores mais renomados em história e cultura amazônica.

O conhecimento é a base da estrutura do Peabiru como organização. É o suporte de todos os trabalhos e das relações, seja com as comunidades tradicionais, indígenas, quilombolas e ribeirinhos, ou com o setor público, a academia e grandes empresas com interesses na região. A maneira como a organização constrói suas redes de relações é o principal fundamento de sua reputação de credibilidade entre os diversos atores.

O pilar das ações do Instituto Peabiru é a construção coletiva como metodologia de abordagem. A busca pela harmonia e a integração de objetivos permitem à

organização atuar em cenários bastante diversos, englobando interesses e objetivos de maneira a estimular a convivência, o respeito às diferenças, a desconstrução de desigualdades, a prosperidade com respeito aos ecossistemas e o fomento ao desenvolvimento local.

A capacidade de atuar de maneira relevante, por meio da diplomacia social, com ações e metas de impacto para a sociedade em todos os seus recortes, vem da coerência interna da organização, de processos e governança estruturados, e de respeito às muitas vozes de gestores e colaboradores. Dessa forma, o Peabiru torna possível que a atuação na ponta, em cada um dos projetos distribuídos pelo imenso território do Pará, mas não só, tenha dinâmica convergente de ação e diálogo, sempre com respeito às particularidades da comunidade beneficiada.

Do ponto de vista dos grandes grupos

empresariais que atuam no território da Amazônia, a presença do Instituto Peabiru em ações relativas às suas relações com as comunidades é percebida como de alta competência técnica e performance de diálogo. A transparência da entidade em suas mediações é o que garante honestidade de propósito, tanto para o campo comunitário, como para a gestão das corporações. Essa realidade é comprovada com a forte articulação do Peabiru com outras organizações da sociedade civil, com o universo acadêmico e as mais diversas instituições de governo.

Foto: Chico Atanásio

Encontros pela educação e 1ª infância realizados pelo Selo Unicef.

Os ODSs como métrica civilizatória

14

Diálogo com João Meirelles, fundador do Instituto Peabiru

> *"É parte estruturante da estratégia de ação o alinhamento com os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODSs) da ONU e suas 169 metas associadas. Essa métrica, que oferece um padrão de comparabilidade em relação ao que se pretende como pacto civilizatório, foi adotada a partir de 2015 e aponta para resultados que devem ser alcançados até 2030. No entanto, a busca por muitos dos objetivos apontados pelos ODSs não é novidade para o Instituto Peabiru, que estabelece em suas ações uma régua bastante rigorosa."*

Há na organização, também, a clareza de que sua atuação se pauta por uma militância social, com foco em promover soluções de combate à pobreza e à desigualdade. O Instituto Peabiru é, em sua gênese, uma organização da sociedade civil e não uma empresa de consultoria. Isso fica claro quando se posiciona de modo equidistante na análise das questões sobre as quais atua, respeitando as diferenças de poder em

jogo e a imparcialidade necessária para as relações justas e harmônicas entre os atores.

Um valor imprescindível para organizações que atuam no contexto das relações sociais na Amazônia é a credibilidade. Essa qualidade ficou demonstrada quando o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) selecionou o Peabiru para ser um parceiro técnico de referência do Selo Unicef, iniciativa para estimular e reconhecer avanços reais e positivos na promoção, realização e garantia dos direitos de crianças e adolescentes em municípios do semiárido e da Amazônia Legal brasileira.

Como a adesão ao Selo Unicef é espontânea, o Instituto Peabiru tornou-se responsável pelo monitoramento de municípios que se inscreveram no programa em estados da Amazônia Legal. A metodologia inclui o monitoramento de indicadores sociais e da implementação de

ações que ajudem o município a cumprir a Convenção sobre os Direitos da Criança que, no Brasil, é espelhada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Essa ação em políticas públicas ligadas à infância e à juventude demonstra a amplitude do escopo do Instituto Peabiru. Sua atuação também passa pela conservação da biodiversidade, a intermediação em diálogos entre comunidades e empresas, a gestão de projetos de inovação e modelagens de negócios para comunidades extrativistas e de pescadores, além de outros focos.

Foto: Karla Braga

Doação de kits de higiene infantil e máscaras junto ao Unicef, na Ilha do Combu, em Belém (PA).

O importante papel das ongs na Amazônia

Diálogo com Ida de Oliveira, especialista em comunicação do Unicef para a Amazônia.

O Selo Unicef chegou a Belém entre 2007 e 2008, quando convidamos alguns municípios para fazer testagem. Trabalhamos com algumas organizações, mas tivemos embates complexos. E eu estava desesperada, indo atrás de alguma organização que fosse confiável, conhecesse o histórico amazônico, e pudesse desenvolver um trabalho com foco em crianças e adolescentes, mas que tivesse a compreensão da Amazônia, principalmente conhecimento sobre acesso e mobilidade.

Uma amiga do Instituto Socioambiental (ISA) me falou sobre o Peabiru. Fui procurar o João (Meirelles) e ele foi um cara extremamente correto e claro desde o princípio. A partir disso construímos o projeto. O Instituto começou na terceira edição e agora estamos na Quarta.

Na terceira edição, fizeram o trabalho de selo nos nove estados da Amazônia Legal. Foi um trabalho gigante de mobilização. E agora, por mudanças estratégicas do Unicef, o Instituto Peabiru está trabalhando com quatro estados: Pará, Amapá,

Tocantins e Mato Grosso.

Essa parceria fez com que a gente pudesse consolidar o programa e ter confiança na seriedade e na lisura do Peabiru, e em seu engajamento nas políticas pela infância e adolescência. Em todos os projetos que eu tenho acompanhado do Peabiru, o que me encanta é a qualidade dos projetos, são relatórios extremante qualitativos que incitam à definição de políticas públicas, trazem atores estratégicos, como Ministério Público, sistema de justiça, governo do Estado, a própria sociedade civil, para pensar estrategicamente como resolver as carências. O Instituto Peabiru vai além, gera conhecimento, informação, está preocupado em conhecer, em criar diálogo, e trazer junto a sociedade civil. Ele consegue construir um trabalho sério com foco no social, sem perder o espaço de diálogo com o setor privado. É um equilíbrio delicado.

É importante compreender o papel das ongs como o Instituto Peabiru, o ISA, WWF, Imazon e tantas outras. Essas organizações têm papel relevante na compreensão e no trabalho que se desenvolve sobre o que é a Amazônia, e sobre por que preservar e conservar. ”

A ética, a transparência, a busca por justiça social, conservação do meio ambiente, da biodiversidade, da prosperidade econômica e da diversidade sempre estiveram presentes nos projetos e ações em que o Instituto Peabiru se envolve. Desde sempre a organização esteve alinhada com as melhores práticas e com os indicadores de referência dos movimentos socioambientais globais, como a Carta da Terra, os Objetivos do Milênio e os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

Esses objetivos e suas metas estabeleceram um horizonte para a implantação de políticas públicas com o olhar lançado para 2030. Isso representou um norte para gestores públicos e organizações sociais comprometidas com o desenvolvimento dentro de padrões universais de sustentabilidade.

João Meirelles explica que os ODSs conseguiram aglutinar em seu entorno

uma diversa comunidade de pessoas e organizações, que reconhecem na iniciativa os predicados necessários para lançar o país em uma trajetória de prosperidade, com a abordagem multivetorial dos problemas crônicos que assolam o Brasil desde sempre.

Uma das áreas em que o Peabiru se antecipou às metas previstas no ODS 5, que trata da igualdade de gênero, relaciona-se ao apoio e fortalecimento do Movimento das Mulheres da Ilha de Belém (MMIB). Para a coordenadora da organização, Adriana Lima, a parceria consolidou-se com a capacitação técnica de mulheres em diversas áreas, mas, especialmente, para a produção agroflorestal, beneficiamento de produtos da floresta, incluindo o artesanato, dominando conhecimento sobre a cadeia produtiva e fortalecendo uma mentalidade empreendedora como no turismo de base comunitária.

Parceria com o Movimento das Mulheres das Ilhas de Belém, em Cotijuba (PA).

Deveria ter vários “Peabirus”

Diálogo com Adriana Lima, coordenadora administrativa do Movimento das Mulheres das Ilhas de Belém (MMIB).

"As questões de gênero, atuação direcionada ao fortalecimento do protagonismo feminino e o apoio à construção do Movimento das Mulheres da Ilha de Belém (MMIB) são pontos de união entre o propósito do Peabiru e o protagonismo feminino em áreas de grande desigualdade e pobreza.

Foi fundamental o fortalecimento de grupos de mulheres, com oficinas relacionadas que nos ajudaram no autoconhecimento e no desenvolvimento de um trabalho feminino coletivo. Por meio do Peabiru, pudemos ter acesso a várias parcerias e oportunidades, é o que eles conseguem. Conversar com vários atores, articulando com todas as pessoas que podem colaborar com a gente que está aqui na base. É super importante a conexão de vários atores, vários parceiros, como o Peabiru faz.

O Peabiru atua sem paternalismos, oferece o apoio, mas, também, cobra resultados. Temos de ter controles e metas sobre nossos trabalhos, e isso é muito bom, porque ajuda a organização a amadurecer.

> *Deveria haver vários "Peabirus", um só é pouco para o tanto de comunidades que existem, muitas pessoas com ideias boas, mas sem muita ajuda. Quanto mais o Peabiru cresce, mais comunidades ele ajuda, orienta e cria parcerias.* ❞

A articulação social do Instituto Peabiru transpõe muitas barreiras impostas a outras organizações da sociedade civil. Por ser uma entidade com foco em promoção do desenvolvimento humano, da bioeconomia e da conservação ambiental, o Peabiru sempre busca caminhos de diálogo com todos os atores envolvidos. Um de seus mantras é: "quem está envolvido com o problema deve estar comprometido com a solução".

Esse compromisso com a diplomacia social traz bons resultados, para as comunidades e para as empresas envolvidas em alguma eventual disputa com comunidades, o que acontece com mais frequência do que o desejável na Amazônia. Muitas vezes, as relações entre empresas e comunidades

têm um histórico de paternalismos, conflitos e fracassos. Isso é ruim de lado a lado. A disposição do Peabiru para atuar como um agente de amortecimento entre as partes, apoiar as comunidades na elaboração de projetos com benefícios duradouros, e oferecer às empresas a oportunidade de construir um legado em sua atuação socioambiental, tem sido reconhecida como um valor para a organização.

A confiança de gestores corporativos no Peabiru vem de seu histórico de 25 anos de atuação relevante na Amazônia, com desempenho de alta qualidade técnica e profundo conhecimento da realidade e da cultura regional. O Instituto é reconhecido como um intermediário do bem, que atua de maneira proativa nas comunidades, vai atrás do produtor comunitário, apoia o beneficiamento de sua produção e agregação de valor aos produtos de base comunitária. Sua ação vai além da mediação local, busca a real valorização da

produção, fortalece ou constrói cadeias comerciais capazes de levar a produção até consumidores em todo o Brasil e até para alguns mercados estrangeiros.

Entre os projetos em andamento capitaneados pelo Peabiru estão vários que buscam capacitar comunitários e jovens para inserção em cadeias produtivas da sociobiodiversidade amazônica. As ações deixam legados de longo prazo, já que a organização tem capacidade de sustentar suas ações no tempo; isso é feito por meio de uma forte rede de articulação, que envolve comunidade, setor público, setor privado, academia e outros atores. A interação com essas organizações ajuda a construir princípios, propósito e capacidades que contribuem para que se lance, com segurança, um olhar ambicioso em direção ao futuro.

Foto: Chico Atanásio

Produtos da agricultura familiar beneficiados pelo projeto Tipitix, em Barcarena (PA).

O valor das redes e conexões

Diálogo com Eduardo Figueiredo, diretor de Desenvolvimento Territorial da Norsk Hydro Brasil.

"O Peabiru é um parceiro fundamental no processo de fortalecimento da agricultura familiar nas áreas onde a Hydro opera no norte da Amazônia, mais especificamente em Barcarena. A empresa tem a ambição de contribuir para aumentar a diversidade de atividades e produtos econômicos em suas áreas de influência.

O Peabiru tem um histórico importante e valioso na Amazônia, além de conhecimento profundo sobre as dificuldades das comunidades. Outro valor é que a organização busca dialogar com ampla rede de conexões, articulando com diferentes atores da sociedade civil, do poder público e da universidade.

Outro ponto importante é a capacidade do Peabiru de compreender suas próprias limitações. Existe uma maturidade da instituição nesse sentido de entender, continuar sonhando, mantendo-se em sua própria esfera. Essa percepção de seus próprios potenciais e limitações move a equipe na busca por mais conhecimentos e capacitação, e essa é a melhor receita para sua perenidade. A Amazônia precisa de mais organizações com esse perfil."

O sucesso em diversos cenários e com atores e interesses de alta complexidade cobra um preço da organização. Impacta sua capacidade de trabalho em frentes múltiplas e impõe uma forte reorganização institucional. O que leva a outro dilema: entender o tamanho de sua pegada, ou seja, até onde seus passos alcançam. Isso não é apenas uma questão de recursos financeiros, mas também de gestão, de pessoas e expertises que precisam ser reunidas em cada um dos projetos em que o Peabiru se envolve.

A permanente necessidade de se adaptar às novas realidades, especialmente diante da diversidade de projetos em andamento institucional, requer a profissionalização de tarefas, cargos e demanda um desafio maior de capacitação interna da organização, o que leva a outra demanda, a de manter um fluxo permanente de recursos para bancar seus custos fixos. Como boa parte dos recursos do Peabiru vem de projetos, a forma de manter esse

fluxo é a busca por oportunidades de financiamento e por demandas de seus serviços. A construção do futuro da organização passa por sua capacidade de se reinventar, não apenas no modo de agir, mas, também, no modo de ser. A diversificação de fontes de financiamento e o cuidado em evitar a dependência de poucos financiadores são uma questão permanente numa instituição que busca a saúde financeira e a sustentabilidade.

Há uma percepção entre os atores externos ao Peabiru, com relações próximas à organização e seus projetos, de que já desponta no horizonte um dos mais sensíveis desafios para a entidade: a transição geracional, quando os fundadores devem passar a gestão para uma nova geração também comprometida com seus objetivos e valores, mas também capaz de manter a alta articulação em rede que transformou o Peabiru em uma organização de referência em diplomacia social nos complexos ambientes amazônicos.

Oficina sobre associativismo na Ilha do Marajó (PA).

Foto: Acervo Instituto Peabiru

O desafio do fortalecimento institucional

Diálogo com Manuel Amaral, coordenador do escritório de Belém do Instituto Internacional de Educação do Brasil (IEB).

Desde 2005, o IEB constrói relações com organizações locais em Belém. O projeto que nos aproximou do Instituto Peabiru estava sendo desenvolvido na região do arquipélago do Marajó. A preocupação da organização, da qual nos tornamos parceiros em muitas frentes, era incluir a cultura regional nos processos de desenvolvimento sustentável e em suas ações. Percebemos no Peabiru um parceiro com visão e atuação muito complementares às do IEB.

O Peabiru tem a ousadia de agir com a premissa de que quem é parte do problema deve ser parte da solução. No geral, as ongs têm uma percepção avessa à iniciativa privada. O Peabiru é uma das poucas organizações que diz: "precisamos interagir e qualificar essa relação e construir caminhos".

Eles trabalham no campo de incidência institucional, entre povos, populações, com uma agenda de promoção da conservação da biodiversidade amazônica. Para fazer isso, tiveram de enfrentar o desafio do fortalecimento institucional, quando a organização se prepara para fazer a gestão

de projetos e diversificar seus interlocutores na sociedade. O próximo passo será discutir a questão geracional, um olhar para a consolidação dos líderes de amanhã. ”

É importante compreender que o fato de o Peabiru ter de se reinventar não deve ser visto como limitante de seu desenvolvimento, mas sim como uma nova etapa a ser cumprida em direção ao futuro. No início, a organização era formada por pessoas de alta competência técnica e capacidade de desenhar e aplicar projetos, mas com pouco entendimento das dinâmicas amazônicas e algumas dificuldades no campo da comunicação. O desenvolvimento da capacidade de operar em rede e intermediar interesses de atores distintos e, muitas vezes antagônicos, veio da resiliência da organização, de seu comprometimento com a causa do desenvolvimento humano, da busca pela prosperidade das comunidades e de sua compreensão de que a Amazônia não é um espaço vazio, o que aponta para a necessidade de se construir por meio do diálogo.

Foto: Acervo Instituto Peabiru

Promoção do Ecoturismo de Base Comunitária em Monte Alegre (PA).

O desafio do financiamento de longo prazo

Maria José Barney, proprietária do Centro Hestia.

"Quando eu conheci o Peabiru, ele tinha pequenos projetos, muito pontuais. E ainda não tinha um pensamento estratégico. Parte do processo da organização com o João (Meirelles) foi olhar essas habilidades que o Instituto tem, como conversar com o governo, o setor privado, com as comunidades, mas olhando mais estrategicamente. Essa habilidade de poder conversar com diferentes atores é muito importante. É importante também continuar com pensamento estratégico.

A habilidade de comunicação com os diferentes grupos de interesse é um valor importante no Peabiru, mas também um perigo, porque pode mudar de caminho para onde há oportunidade, sempre tem que ter o olhar em direção a um pensamento estratégico. E essa é a minha preocupação com o Peabiru.

Cada projeto precisa ser analisado de acordo com sua inserção em um modelo de estratégia para a organização. Tem projetos que demoram muito tempo, no entanto continuam sendo estratégicos, como o projeto Viva Marajó, o de pesca, das

abelhas, e projetos compostos por um grupo de atividades.

Nos últimos anos, a organização evoluiu em estratégia e na capacitação de sua equipe. Em meus primeiros contatos com o Peabiru, em 2008, a sua capacidade de trabalhar com as comunidades era mínima. Eram todos biólogos e não tinham muita experiência em trabalhar com as comunidades e empoderá-las.

Acredito que o Peabiru ainda tem muito a contribuir, porque tem a habilidade de trabalhar com o setor privado. Sempre há uma forma de trabalhar que tenha sustentabilidade e suas demandas criam novas possibilidades. Tem que alinhar as estratégias, pensar, analisar o que estão fazendo e pensar no futuro. ”

Por maiores que sejam os desafios a serem enfrentados pelo Instituto Peabiru em sua trajetória em direção ao futuro, suas capacidades de inovação e diálogo são a linha de frente para a jornada. A percepção das oportunidades e sua disposição para ir além dos limites burocráticos de seus

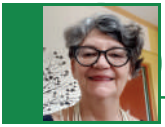
projetos chamam a atenção e dão à organização uma visibilidade que transcende limites e, muitas vezes, encanta seus públicos e financiadores. Esses talentos são essenciais para expandir o horizonte do amanhã.

Maturidade é uma palavra-chave do atual momento do Peabiru. Isso se explicita pela forma como a organização se apropria das novas demandas, dando-lhes a seriedade necessária, sem se deixar acuar pelas eventuais incertezas. As parcerias construídas através de décadas mostram-se um forte suporte para a engenharia do amanhã. O Peabiru está consolidado, principalmente pela relação estabelecida com a sociedade e com a cultura paraense na garantia de direitos em sua forma mais ampla.

Foto: Fred Ferreira

Assistência técnica rural do projeto Ativa Barcarena para agricultores familiares.

O futuro está sendo construído em projetos e ações



Diálogo com Regina Oliveira, pesquisadora no Museu Paraense Emílio Goeldi.

Minha vinda para a Amazônia tem mais de 30 anos. Nesse percurso, eu conheci o João Meireles na década de 1990, quando ele tinha expectativa de fazer esse caminhar pela Amazônia e eu trabalhava em uma ong em Manaus.

Com o tempo fui trabalhar no Museu Paraense Emílio Goeldi e construímos uma integração com o Peabiru para participar de alguns estudos que a organização fez na cadeia do açaí, no Marajó, algumas atividades de educação, e hoje eu sou associada. Nesse percurso de amadurecimento e reconhecimento de atividades conjuntas, passamos a cocriar.

Hoje vejo o Peabiru tornar-se uma organização sólida, pelas parcerias e suas ações e integridade quando atua em determinada região com algum grupo social. Não é igual uma ONG ou OSCIP que chega, faz alguma coisa e vai embora. Não, há laços que se estendem.

O Peabiru sempre inova, não só na perspectiva de conseguir projetos, mas de fazer coisas diferenciadas. O Instituto não fica em uma caixinha. Ele inova fazendo

conexões, parcerias, estabelecendo e trazendo inovação em diferentes campos.

Por exemplo, conseguiu recursos para um projeto na região do Marajó. Nesse projeto, além de cumprir com as expectativas, criou espaços de inovação junto à comunidade, como a Casa da Virada, que trouxe uma transformação positiva para a região de Curuçá.

Eu vejo a integração da instituição com a sociedade paraense. Não é fazer só para determinado grupo, é expor os resultados alcançados com esse grupo. Um exemplo: promoveu várias atividades no Sesc, um encontro de muitas informações para quem mora em Belém e não conhece as comunidades da região.

No projeto que participei, na cadeia do açaí, em Curralinho, fizemos um trabalho que não ficou só lá. Foi apresentado para diferentes atores, para a academia, tomadores de decisão, quem faz política. Hoje, temos o fortalecimento da cadeia do açaí na região, principalmente nos grupos sociais que estão mais na base.

Muita gente já passou pelo Peabiru e leva essa experiência consigo. Gente que vai

para outras organizações, para a academia ou para empresas. Gosto muito de Paulo Freire quando ele fala que ninguém chega vazio. Todo mundo que chegou no Peabiru não veio vazio, e quando se foi levou experiências, vivências, conhecimento.

Longa vida ao Peabiru porque ainda tem muito a fazer, ensinar, no sentido de abrir as portas do desenvolvimento para as comunidades.

O Instituto não tem um olhar hierárquico para esses atores que estão na Amazônia. Muitas dessas relações entre empresa e comunidade são sobretudo para mitigação de impactos, o olhar deve ser além do papel de apaziguador de soluções conjuntas. A forma de fazer levantamento, diagnóstico, a forma de fazer pesquisa com as respostas que vêm do movimento social. As relações de poder são bem definidas, mas não há uma hierarquia nessa relação.

A construção do futuro o Peabiru está fazendo quando atua nas organizações, na estrutura e no planejamento. Por isso, tem um longo caminho, é uma organização que estará presente porque faz a pergunta e ajuda a responder. ”

Há uma alta percepção entre atores de organizações, empresas e comunidades que formam o ecossistema do Instituto Peabiru de que a organização, ao longo de sua caminhada, tem ajudado na formação de profissionais que depois seguem suas carreiras em outras organizações e empresas e em organismos públicos.

De outra parte, a relação com a academia também tem sido profícua na horizontalização do conhecimento, especialmente pelas parcerias com universidades e a incorporação de estagiários e recém-formados nas frentes de trabalho dos projetos, onde a vivência ajuda a amadurecer a visão sobre os caminhos para o exercício de várias profissões.

Foto: Lucas Maia

Plantio de mudas de mangue pelo projeto Mangues da Amazônia, em Bragança (PA).

Alinhamento com a academia fortalece a universidade e o Peabiru

Patrícia Schneider, pesquisadora na Louisiana State University, Estados Unidos.

Boa parte da minha formação foi nos Estados Unidos. Sou bióloga pela Universidade Federal do Pará e, quando terminei a faculdade, fui para os Estados Unidos para fazer pós-graduação. Nesse tempo eu já conhecia o Instituto Peabiru. Tive mais contato quando iniciei meu trabalho como professora na Universidade Federal do Pará. Oficialmente posso dizer que, a partir de 2013, já estava envolvida em projetos conjuntos que iniciamos no meu laboratório em colaboração com o Instituto.

O Instituto Peabiru foi a única organização que quebrou as barreiras para levar o que a gente faz dentro da universidade para as comunidades. Então, não só se enriquece como professor, pois dentro das quatro paredes não se enxerga os problemas que estão ali na nossa frente. Ele me enriqueceu pelos projetos que nós desenvolvemos na Amazônia, no Marajó. Nós precisaríamos de muitos mais "Peabirus" na Amazônia para dar conta dos problemas.

É importante entender que as ações desenvolvidas pelo e com o Instituto

Peabiru são base de conhecimento para a construção de políticas públicas. Eu atuei em projetos desenvolvidos no município de Curralinho, no Marajó. Nosso objetivo foi estabelecer uma plataforma de conhecimento científico e ter dados para conseguir fazer a pesca mais regulamentada, menos predatória. Nessa direção, os projetos têm a finalidade de melhoria das condições de vida daquela população.

A integração entre o Peabiru e a universidade não traz ganho apenas para os projetos. A universidade tem muito a ganhar. Pela minha experiência, é muito importante fazer projetos de extensão. O Peabiru abre as portas para isso, para que pesquisadores e estudantes tenham essa possibilidade. Mas essa não é a visão de muitos professores na academia. Principalmente na minha área, em que a pesquisa é muito forte. Fazer pesquisa é quase obrigatório para sobreviver, para conseguir financiar seus projetos. Muitas empresas financiadoras olham muito para a pesquisa e pouco para a extensão.

Infelizmente, a academia ainda não vê a extensão como uma necessidade, como

obrigação, como uma atividade que teria que ser tão apreciada quanto estar em sala de aula ou laboratório. Esse intercâmbio, para os alunos, é importante para a formação.

As organizações sociais têm o conhecimento das populações, das comunidades. Essas comunidades que precisam da gente já existem. Essa facilitação que o Peabiru proporciona nos dá a oportunidade de ser parte da solução.

Do Peabiru só tenho coisa boa para falar, foi uma das experiências mais marcantes. Tivemos projetos de camarão, peixe, abelha. Meu laboratório estuda genética, tudo que tem gene eu posso estudar. Todas as nossas colaborações apontam para bons frutos no futuro.”

Rafael Araújo

Conclusões

É forte a percepção de que o Peabiru é um valor para a Amazônia. É uma organização capaz de percorrer as intrincadas relações entre os diversos atores de uma das regiões mais complexas do planeta. Não se trata apenas da capacidade de realizar projetos, o que a organização faz com reconhecida qualidade, mas, e talvez principalmente, a capacidade de interlocução. Essa qualidade está presente durante toda a construção deste paper. Assim como a percepção de que a Amazônia precisa de mais organizações com o talento de construir pontes e estabelecer diálogos entre os diferentes, seja qual for a diferença a ser superada. Em seus 25 anos de atividades, o Instituto Peabiru mostrou ser uma organização acolhedora e agregadora, desenhou um formato de ação muito próprio e que merece ser replicado em seu avanço em direção ao futuro, em passos seguros e com grande atração de talentos.

Vida longa ao Peabiru!

Dal Marcondes
é jornalista com especialização em economia, formação em ciência ambiental pela USP e mestre em modelagem de negócios digitais pela ESPM-SP. Atuou em grandes redações de São Paulo, como as revistas IstoÉ, Exame e Carta Capital, e os jornais DCI, Gazeta Mercantil e Estadão, além de projetos especiais para o Pnuma. Desde 1998 é editor da Agência Envolverde.

Instituto Peabiru

peabiru@peabiru.org.br
peabiru.org.br

Rua Ó de Almeida, 1083. Reduto
66.053-040 | Belém, Pará - Brasil

+55 91 3222-6000

Realização:

INSTITUTO PEABIRU